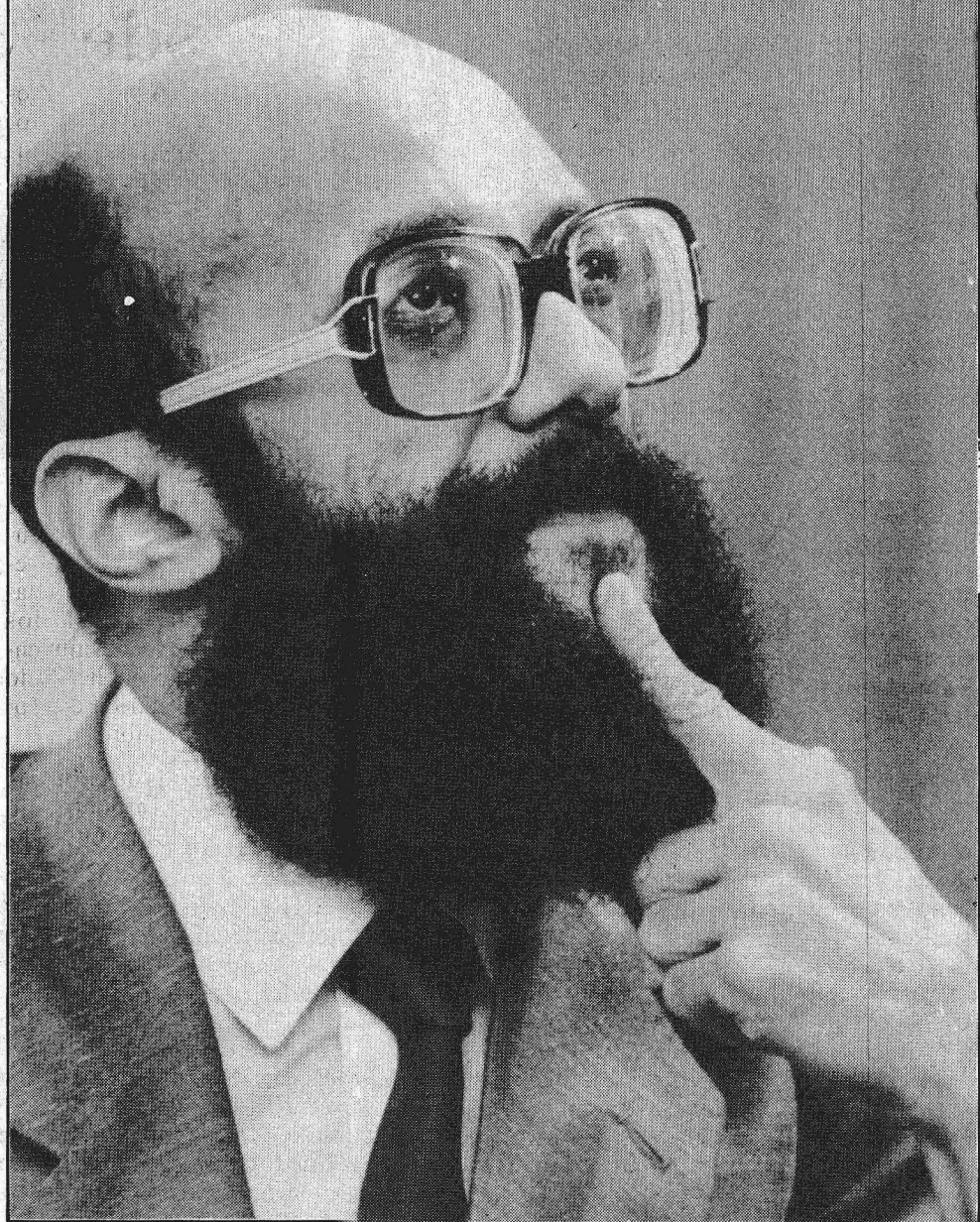




Enéas: a favor da ordem e simpatizante do socialismo.

Ele está surpreso com a fama. Seu nome? Adivinhe.

Enéas, claro. Ele pode ganhar de Caiado, Aureliano e Camargo em São Paulo.

O próprio doutor Enéas Ferreira Carneiro, um médico nascido há 51 anos em Rio Branco, Estado do Acre, está surpreso com a notoriedade alcançada através dos pronunciamentos homeopáticos no horário eleitoral gratuito, como candidato a presidente da República pelo partido que ele mesmo fundou, o Prona (Partido de Reedificação da Ordem Nacional). Ontem, enquanto os resultados da tarde o apontavam com 0,4% dos votos no Estado de São Paulo e as projeções da **Globo** indicavam que ele ficará à frente de Afonso Camargo, Aureliano Chaves e Ronaldo Caiado na preferência dos eleitores paulistas, o sorridente Enéas recebeu as emissoras de TV e os principais jornais para falar de sua experiência.

Na mesma sala de convenções que ocupa, há seis anos, para dar o curso de sua especialidade, a eletrocardiografia, Enéas, 57 quilos, 1m60 de altura, manifestou sua gratidão a Jô Soares — “o primeiro a acreditar em mim” —, que o recebeu durante a campanha e na noite de 15 de novembro em seu programa. Enéas viajou na manhã do dia 16 com a mulher, Adriana, para a casa de sua sogra, em Piracicaba, onde pretendia descansar um pouco “disso aí tudo”. Pretendia, porque, localizado, falou ao telefone até a madrugada de quinta. Sem contar que, durante o dia, teve de distribuir autógrafos na porta da escola de seus sobrinhos, sendo seguido pela criançada onde quer que estivesse.

Já em São Paulo, ontem, Enéas resu-

miu a sua vida para os repórteres, “mas eu já falei tanto disso”, chegou a reclamar. “Comecei miserável em Rio Branco, perdi meu pai aos nove anos e, como meu único irmão, mais velho do que eu, fui criado na casa dos outros, de favor; já em Belém do Pará, passei a pobre, com direito a barraco e café com farinha de manhã, pois não havia pão. Me dei bem no curso primário, onde sempre fui o primeiro colocado. Queria aprender a subir. Tanto é que me inscrevi para o concurso do curso de sargentos no Rio de Janeiro e fui o único aprovado do Estado do Pará. Na então capital da Guanabara, ingressei na classe média, onde me encontro até hoje”.

Segundo Enéas, graças ao Exército ele pôde estudar. Entrou em primeiro lugar na Universidade fluminense, depois de ter frequentado uma escola de enfermagem com um olho no café da manhã gratuito.

Pouco mais tarde, querendo saber mais, foi fazer Física e Matemática, na Faculdade de Ciências e Letras da UEG — onde entrou, é claro, em primeiro lugar. Sua formação em português e em filosofia foi por conta própria e, quando teve a oportunidade de cursar pós-graduação em cardiologia e mestrado em eletrocardiografia, abandonou o Exército, como terceiro-sargento, e já trabalhava então como anestesista no hospital da corporação. Morou seis meses em Londres, onde estagiou em medicina de cardiopatias congênitas, publicou um livro — “O eletrocardiograma” — e deu aulas de física, biologia,

química, português e matemática.

Enéas se diz a favor da ordem. Segue as leis e obedece ao governo. Seu modelo teórico político preferido é o socialismo, que considera “o mais belo”. É favorável à intervenção do Estado na economia, porque “se for deixada nas mãos dos capitalistas, nem em cem anos teremos o socialismo no Brasil”, mas considera isso impraticável no momento. Mesmo nos seus tempos de estudante, manifestava simpatia pelo Partido Comunista, chegando a discursar em algumas reuniões devido à sua vasta informação sobre o assunto. “Mas nunca me filiei”, salienta, “pois discordava dos seus métodos”.

Sobre Collor, Enéas foi taxativo: “O ex-governador de Alagoas nunca me passou um sentimento de sinceridade de propósitos e a partir daí não acreditei em mais nada do que dizia”. Sobre Lula, disse que “não tem uma personalidade forte para dirigir o País de forma tranqüila”.

O ex-candidato definiu seu futuro em um texto exclusivo para o **Jornal da Tarde** (veja abaixo). Não recebeu nenhum convite de qualquer partido para ocupar algum cargo, mas disse que tem sido perseguido pelas agências de propaganda. “A princípio, eu me recusava a conversar”, diz o médico que insiste em ser tratado por “senhor”, o que o levou a discutir com um dos repórteres presentes. “Mas, pensando bem, eu acredito que um dinheiro até que ajudaria o partido, não é mesmo?”

Luiz Chagas